

29 de Julho de 2008

O Verão foi longo e ainda não chegou ao fim. No dia 26 de Junho acabei a primeira parte do romance e, desde então, há mais de um mês, temos em casa Vanja e Heidi, porque o jardim-de-infância está fechado, com todo o trabalho suplementar que isso acarreta. Nunca compreendi o sentido das férias, nunca senti necessidade delas, preferi sempre poder trabalhar mais. Mas quando tem de ser, tem de ser. Pensávamos passar a primeira semana na pequena casa de madeira que Linda nos quisera comprar no Outono passado, e que deveria servir em parte para escrevermos, em parte como refúgio de fim-de-semana — mas, ao fim de três dias, desistimos e voltámos para a cidade. Instalar três crianças e dois adultos num espaço confinado, com gente à volta por todos os lados, sem nada para fazer além de arrancar e cortar erva numa horta, pode não ser propriamente boa ideia, sobretudo no caso de a atmosfera reinante já não ser amena à partida. Tivemos várias discussões tempestuosas, proporcionando provavelmente diversão aos vizinhos, e a presença de centenas de hortas escrupulosamente cultivadas e ocupadas por toda aquela gente velha e seminua tornava-me claustrofóbico e irritável. As crianças detectam rapidamente esses estados de humor, que tratam de explorar — sobretudo Vanja, que reage quase instantaneamente a qualquer alteração do tom ou do volume da voz, e que, no caso de essa alteração ser um pouco mais marcada, começa a fazer o que sabe que nos exaspera, acabando por nos fazer perder a cabeça quando decide persistir no seu comportamento. Numa situação de mau humor acumulado, é impossível evitar o pior, e seguem-se então os gritos, o choro e as cenas mais infelizes. Na semana seguinte, alugámos um automóvel e pusemo-nos a caminho de Tjörn, nos arredores de Gotemburgo, onde Mikaela,

uma amiga de Linda e madrinha de Vanja, nos convidara para a casa de Verão do namorado. Perguntámos-lhe se sabia o que significava ter de conviver com três crianças, e se estava realmente decidida a receber-nos. Ela respondeu-nos que sim, e que pensara já que poderia fazer bolos e outras coisas do género com as crianças, levá-las a tomar banho no mar e a pescar caranguejos, para que Linda e eu pudéssemos dispor de algum tempo um para o outro. Portanto, aceitámos o convite. Viajámos de automóvel até Tjörn, na orla da bela região de Sørland, parámos o carro diante da casa de Verão e apeámos-nos com as crianças, as malas e restante bagagem. A intenção era passarmos ali uma semana, mas, ao fim de três dias, voltámos a pôr todas as nossas coisas no carro e continuámos para sul, para manifesto alívio de Mikaela e de Erik.

As pessoas que não têm filhos, por mais inteligentes e maduras que sejam, raramente sabem o que isso significa — ou, pelo menos, foi esse o meu caso antes de, também eu, os ter. Mikaela e Erik apostam fortemente nas suas carreiras: desde que a conheço, Mikaela sempre desempenhou funções de alto nível no sector da cultura, enquanto Erik dirige uma fundação multinacional com sede na Suécia. Quando deixasse Tjörn, teria de ir a uma reunião no Panamá, e os dois partiriam a seguir de férias para a Provença — a vida deles é assim, e visitam familiarmente lugares que eu só conheço de nome. Foi nessa vida que irrompemos na nossa expedição familiar, carregados de fraldas e toalhetes, com um John que gatinha de um lado para o outro sem parar, com Heidi e Vanja que brigam e choram, riem e gritam, que nunca comem à mesa como deve ser, nunca fazem o que lhes dizemos, pelo menos quando visitamos outras pessoas, porque sabem que é então que mais *queremos* que se portem bem. Quanto mais importante era para nós que tivessem maneiras, pior se comportavam, e embora a casa de Verão fosse grande e espaçosa, não o era o bastante para tornar imperceptível a sua presença. Erik fazia de conta que não se importava, queria mostrar-se generoso como alguém que gosta de crianças, mas a sua linguagem corporal desmentia-o a todo o momento, pelos braços crispados que mantinha cingidos sobre os flancos, pelo seu vaivém constante enquanto tornava a arrumar as coisas que as crianças desarrumavam e pela expressão distante do seu olhar. Mantinha-se próximo das coisas e de um lugar que conhecia a vida inteira, mas muito longe das pessoas que agora ali estavam também, e que olhava mais ou menos como se fossem toupeiras ou ouriços-cacheiros. Eu compreendia como ele se sentia, e gostava dele. Mas trouxera comigo todas aquelas coisas, era impossível estarmos realmente um com o outro. Erik estudara em Oxford e em Cambri-

dge, e fora alguns anos corretor na City, mas uma vez, durante um passeio que deu com Vanja por uma elevação junto ao mar, enquanto admirava a paisagem, deixou que a menina comesse a escalar a encosta vários metros à frente dele, sem se dar conta de que Vanja, com os seus quatro anos de idade, não se apercebia do perigo — e fui eu que tive de precipitar-me com Heidi nos braços, para a pôr livre de perigo. Quando, meia hora mais tarde, sentados num café — e me doíam as pernas da brusca corrida que acabava de fazer —, lhe pedi que desse a John uns pedaços de bolo que deixara para ele em cima da mesa, enquanto eu tomava conta de Heidi e Vanja e ia buscar algo para elas comerem, Erik meneou afirmativamente a cabeça, mas não interrompeu a leitura do jornal que tinha nas mãos, não levantou sequer os olhos e não se deu conta de que John, a meio metro dele, começava a ficar cada vez mais agitado e, depois, desatava a chorar alto, vermelho de frustração, vendo que não conseguia chegar ao bolo que via diante dos olhos em cima da mesa. A cena, como pude ler-lhe nos olhos, irritou Linda, que estava sentada no outro extremo da mesa e, no entanto, mordeu a língua, abstando-se de comentários e esperando até sairmos do café para declarar que tínhamos de voltar para casa. Imediatamente. Habitado às suas flutuações de humor, disse-lhe que calasse a boca e evitasse tomar tais decisões quando estava furiosa. O resultado foi, evidentemente, irritá-la ainda mais, e as coisas não melhoraram até ao momento em que nos metemos no carro e arrancámos dali na manhã do dia seguinte.

O céu limpo e sem nuvens e a maravilhosa manta de retalhos da paisagem varrida pelo vento, juntamente com a alegria das crianças e o facto de viajarmos de automóvel, e, ao contrário do que se tornara costume nos últimos anos, não fechados num compartimento de comboio ou a bordo de um avião, aliviaram a atmosfera carregada, mas não passou muito tempo até que o seu peso se fizesse sentir de novo, porque tínhamos de comer e aconteceu então que o restaurante que descobrimos e diante do qual parámos pertencia a um clube náutico, embora o empregado de mesa me informasse que, se atravessássemos a ponte e entrássemos na localidade vizinha, a cerca de quinhentos metros, encontraríamos outro restaurante — e foi assim que, vinte minutos mais tarde, demos por nós em cima de uma ponte alta, estreita e cheia de trânsito, empurrando dois carrinhos, cheios de fome sem vermos à nossa frente outra coisa que não fosse uma zona industrial. Linda estava furiosa, com o olhar sombrio, estavam sempre a acontecer-nos coisas daquelas, bufava ela, coisas que não aconteciam a mais ninguém, éramos uns imbecis, e agora, quando devíamos estar a comer todos juntos,

divertidos e em família, ali estávamos, açoitados pelo vento, no meio de um trânsito ruidoso e do fumo sufocante dos motores, a atravessar aquela maldita ponte. Teria eu por acaso visto alguma vez outra família com três crianças pequenas metida numa situação semelhante? O trajecto foi interrompido por um portão de metal que ostentava o logótipo de uma companhia de segurança. Para chegarmos à cidade, que parecia parada e sem graça, tivemos de fazer um desvio pela zona industrial que se prolongou pelo menos um quarto de hora mais. A minha vontade era mandar passear Linda, que não parava de se queixar, que queria sempre outra coisa sem fazer nada por isso, excepto queixar-se, queixar-se sempre e cada vez mais, incapaz de aceitar a situação tal como era, atirando as culpas para cima de mim, sempre que as coisas, independentemente de terem ou não importância, se mostravam diferentes do que ela imaginara. Sim, em circunstâncias normais, teríamos seguido cada um o seu próprio caminho, mas havia sempre problemas de ordem prática que faziam com que continuássemos juntos: tínhamos só um automóvel e dois carrinhos de bebé, por isso fomos obrigados a agir como se as palavras que acabávamos de dizer não tivessem sido ditas, e a arrastar os carrinhos de bebé sujos e desengonçados ponte fora de regresso ao elegante clube náutico, antes de os metermos de novo no carro e de pormos os cintos de segurança às crianças, para continuarmos até ao *McDonald's* mais próximo, que acabámos por descobrir numa estação de serviço nos subúrbios de Gotemburgo, onde me sentei num banco a comer um cachorro-quente, enquanto Vanja e Linda comiam os delas sentadas no carro. John e Heidi tinham, entretanto, adormecido. Anulámos a visita que planeávamos fazer ao parque de atracções de Liseberg, pois levá-la por diante naquelas condições só poderia piorar a situação, e umas horas mais tarde, movidos por uma inspiração súbita, parámos num outro horrível e pobre parque de diversões, chamado Conto de Fadas, onde começámos por levar as crianças a um pequeno “circo” cujo espectáculo consistia num cão amestrado que saltava por arcos colocados à altura do joelho de uma pessoa, numa musculada mulher de aspecto varonil, provavelmente oriunda da Europa de Leste, que, envergando um biquíni, atirava ao ar os mesmos arcos, fazendo-os depois rodar à volta das ancas, exibindo um talento que todas as minhas companheiras da escola primária dominavam na perfeição, e num homem louro da minha idade que calçava sapatos de bico revirado, tinha um turbante na cabeça e pneus que lhe transbordavam dos calções de harém enfunados, e que, depois de encher a boca de gasolina, cuspiam quatro jactos de fogo, levantando a cabeça na direcção do tecto baixo. John e

Heidi contemplavam a cena, estupefactos. Vanja não pensava senão numa tómbola que rifava peluches diante da qual passáramos pouco antes, e não parava de me puxar pelo braço, perguntando-me quando é que o circo acabava. De vez em quando, os meus olhos procuravam Linda, que estava sentada com Heidi ao colo. Vi que tinha lágrimas nos olhos. Quando saímos e começámos a andar em direcção à parte central da pequena feira, empurrando cada um de nós o seu carrinho, perguntei-lhe, na altura em que passávamos diante de uma grande piscina sobre a qual descia uma rampa muito comprida com um tobogã enorme no alto, porque estava ela a chorar.

— Não sei — disse ela. — Mas os circos sempre me comoveram.

— Porquê?

— É por serem tão tristes, tão pequenos e tão baratos. E, ao mesmo tempo, tão belos.

— Este, também?

— Sim. Não viste a Heidi e o John? Estavam absolutamente hipnotizados.

— Mas Vanja, não — disse eu com um sorriso. Linda devolveu-me o sorriso.

— O que é? — disse Vanja, voltando-se para mim. — O que é que tu disseste, pai?

— Só estava a dizer que estiveste o tempo todo no circo a pensar naquele brinquedo de peluche que tinhas visto.

Vanja sorriu como costumava muitas vezes fazer quando falávamos de alguma coisa que ela fizera. Contenta, mas também curiosa, à espera de mais.

— O que é que eu fiz?

— Puxaste-me pelo braço — respondi eu. — E disseste que querias ir às rifas.

— Porquê? — perguntou ela.

— Como hei-de eu saber? — disse eu. — Imagino que querias aquele boneco de peluche.

— Vamos lá agora? — disse ela.

— Vamos — disse eu. — É já ali.

E apontei um arruamento de macadame por entre as árvores por onde podíamos cortar caminho até ao centro do parque.

— A Heidi também pode tirar uma rifa? — perguntou ela.

— Se quiser — disse Linda.

— Ela quer — disse Vanja, debruçando-se sobre Heidi, que estava no carrinho. — Queres uma rifa, Heidi?